

Exageros à parte

A campanha eleitoral, que todo mundo achava que além de morna não começaria antes da Copa do Mundo, promete não decepcionar no quesito animação. O problema é que, pelo menos por enquanto, ainda vive de falsas emoções. A queda de Fernando Henrique Cardoso nas pesquisas, o fato mais estridente ao redor do qual se moveu toda a política durante a semana, tanto pode vir a se configurar uma tendência como tem chance de revelar-se um espasmo sem maiores significados.

O próprio candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, tem alertado seu pessoal sobre a insignificância desses dados para a oposição. É claro que os dados servem para elevar o moral da tropa, mas não traduzem necessariamente um retrato antecipado da eleição, muito menos podem ser contabilizados na conta do adversário mais próximo de Fernando Henrique. A relação de transferência não está de forma alguma estabelecida.

O que se tem, hoje, é a confirmação de uma regra segundo a qual governo algum se livra de um bom desgaste no final. Foi exatamente essa regra, que agora tantos transtornos causa ao governo, que norteou a insistência com que o ministro Sérgio Motta trabalhou pela aprovação da emenda da reeleição em pleno meio do primeiro mandato.

Muitos defendiam que o governo deveria fazer como Carlos Menem, na Argentina, e deixar esse assunto para ser resolvido no último ano. Mas a tese de Motta era a de que sem criar a expectativa de mais quatro anos no poder para Fernando Henrique, com a base política fluida e infiel de que dispõe, não conseguiria fazer nada. Quem dirá aprovar reformas.

Claro que isso pode ser verdade quando são levados em consideração os políticos. Esses, realmente, se pautam pela manutenção de suas conveniências. Sem reeleição, nessa altura provavelmente o PMDB e o PFL não estariam aliados a qualquer outra candidatura do PSDB que não a de Fernando Henrique. Essa era segura, já havia se provado bem-sucedida, não indicava riscos.

Quando entra em jogo o eleitor, a coisa muda de figura. Sem os mesmos compromissos de quem tem sua sobrevivência política diretamente ligada ao poder, o eleitorado manifesta seus desagrados no momento em que é chamado a tal. A questão é saber se essa queda na popularidade de Fernando Henrique significa que na hora do voto o cidadão estará disposto mesmo a outras escolhas.

Isso vai depender de que alguém se apresente como opção confiável, o que é cedo para saber. Apesar de o plantel à disposição não oferecer grandes novidades, nunca se sabe se o eleitorado de repente não resolve experimentar o velho mesmo.

Quanto aos partidos aliados, surgiram durante a semana versões de que um ou outro já estaria providenciando candidaturas alternativas para o caso de Fernando Henrique se fragilizar verdadeiramente.

Como ninguém se preparou antes, agora é tarde para isso. As convenções têm seus prazos finais de escolha de candidatos no mês de vem. O que é pouco tempo para que o quadro esteja tão seguramente claro que os partidos resolvam arriscar as próprias peles.

Lançam alguém, rompem com Fernando Henrique, o governo ganha e fica todo mundo na chuva. É uma possibilidade. Ou lançam alguém, o centro e a direita se dividem, Lula ganha e são pegos todos pela tempestade. Não chega a ser uma probabilidade.

Por essas e por outras é que pode estar havendo certo exagero tanto na euforia de alguns setores da oposição como no pânico manifesto na aliança governista, notadamente pelo PSDB, que volta e meia se desespera por alguma coisa e que nem sempre toma uma providência para resolver a coisa. Acha mais cômodo reclamar carinho ou cobrar ações mais firmes, como agora faz.

É claro que o ambiente para o lado do governo não está para leniências nem tranqüilidades excessivas. Mas também só a miopia e uma certa soberba que muito tempo vigoraram pelos lados do Palácio do Planalto poderiam supor que o céu seria eternamente de brigadeiro e que as insatisfações das chamadas camadas médias e mais bem-informadas da população não chegariam aos mais pobres. Esses sempre apontados pelo oficialismo como os verdadeiros e irremovíveis sustentáculos do governo. Já perceberam que a realidade não é bem assim.

Da mesma forma, a oposição – falamos aqui do PT – parece um tanto surpresa e a evidência disso é que Lula está aos poucos adaptando seu discurso, antes de conotação nitidamente descompromissada com a responsabilidade da hipótese da vitória.

O que vai acontecer é impossível adivinhar. Mas o que está acontecendo é apenas o início de uma campanha que governo e oposição acreditaram que não iria acontecer. E nada mais.